

Nem tudo que reluz é Marx: críticas stalinistas a Vigotski no âmbito da ciência soviética¹

Gisele Toassa*

Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação, Goiânia, GO, Brasil

Resumo: No Brasil, tem havido notável crescimento da chamada “teoria da atividade”, cuja fundamentação é associada especialmente ao pesquisador russo A. N. Leontiev (1903-1979). Isso se tem feito em conexão direta com a noção de que Vigotski, Luria e Leontiev compuseram uma *troika*, responsável pela elaboração da teoria histórico-cultural e da teoria da atividade. O objetivo deste artigo é iniciar a problematização da própria veracidade dessa narrativa a partir de uma análise do contexto no qual se dispôs o conteúdo das críticas stalinistas a Vigotski de 1931-1937, da construção do sistema de produção científica no regime soviético e dos contrastes políticos e culturais entre os anos de 1920 e 1930 – especialmente o estabelecimento do *marxismo-leninismo* e o pragmatismo como marcas do regime stalinista. O texto contribui para a análise das ideias e frentes de trabalho vigotskianas condenadas pelos críticos stalinistas e suas potenciais repercussões na psicologia soviética elaborada nos anos de 1930.

Palavras-chave: Leontiev, teoria da atividade, psicologia histórico-cultural, stalinismo, ciência stalinista.

Na psicologia e na educação brasileiras tem sido grande o interesse pela teoria da atividade, cuja fundamentação é associada especialmente ao pesquisador russo Aleksei Nikolaevitch Leontiev (1903-1979). Por meio da pedagogia histórico-crítica, ela tanto cresceu que se lhe pleiteia o *status* de paradigma de pesquisa marxista para a educação (Duarte, 2003). Contudo, como rã que se tornou boi (Vigotski, 1991), julgo que a teoria da atividade vem se inflando sem maiores cuidados com respeito à compreensão de seu significado na sociedade soviética. Entre os comentaristas marxistas de língua portuguesa, notamos uma difusão quase sem críticas (à exceção de trabalhos de João Batista Martins) da versão da relação entre Vigotski, Luria e Leontiev como uma *troika*, um trio responsável pela elaboração da psicologia histórico-cultural. Fundem-se, assim, a psicologia de Vigotski e a de Luria com a teoria da atividade de Leontiev.

Embora fuja aos objetivos deste artigo tanto uma avaliação, em contexto brasileiro, das razões que sustentam o crescimento da teoria da atividade quanto das suas ideias teóricas e escopo de sua aplicação, cabem aqui breves apontamentos sobre a *narrativa hagiográfica* que, a despeito da carência de sustentação histórica e da complexidade teórica da relação entre os autores, vem associando os nomes de Vigotski e Leontiev na palheta da continuidade.

Em todo o mundo, vem sendo amplamente reconhecida a participação decisiva de A. R. Luria (morto em 1977) e Aleksei Nikolaevitch Leontiev (1903-1979) na edição e comentário a Vigotski, que teve impulso significativo a partir do “degelo” stalinista. Yasnitsky (2009)

atribui o forte impulso à narrativa da *troika* a partir da publicação de diversos textos em homenagem aos (poderosos) Luria e Leontiev no fim de suas vidas. Memórias, apresentações públicas e entrevistas concedidas pelos autores, além de publicações de pupilos como Davydov e Radzikhovskii na época da morte dos seus mestres fazem-lhes uma acrítica apologia (de modo similar a Golder, 2004, autor bastante citado no Brasil). Na União Soviética (URSS), a partir de meados dos anos 1970 e início dos anos 1980 começou a ganhar forte impulso a tese histórica da *troika* (Yasnitsky, 2009) – também época aproximada na qual a psicologia soviética começou a ser difundida em nosso país.

O trabalho de Yasnitsky (2009) atribui aos próprios Luria e Leontiev a narrativa “hagiográfica”, continuista, da *troika*, com posteriores reconstruções e interpretações feitas particularmente por A. A. Leontiev (filho de Aleksei Nikolaevitch), responsável pela sua primeira apresentação sistemática. O mesmo autor analisa diversos aspectos relativos às transformações na rede informal de pesquisadores que cercaram Vigotski, o “Círculo de Vigotski”, entre 1924-1941, apontando diversas inconsistências na narrativa hagiográfica (Yasnitsky & Ferrari, 2008a, 2008b), mostrando a diversidade e multiplicidade das conexões profissionais estabelecidas pelo autor.

A família Leontiev continua ativa no campo das humanidades por meio do neto de Aleksei Nikolaevitch, Dmitri A. Leontiev, acompanhado especialmente por E. Sokolova (Leontiev, Leontiev, & Sokolova, 2005). Esses acadêmicos mantêm múltiplas conexões na Rússia e no exterior. Assim, difundiu-se a história da *troika* mesmo entre leitores marxistas – não obstante sua indiferença com respeito a uma análise dialética da realidade social em que foi gestada. Com isso, em ampla escala, a psicologia

1 Fonte de financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Processo número BEX 3182/13-04.

* Endereço para correspondência: gtoassa@gmail.com

vigotskiana aparece como trabalho de três grandes cientistas-missionários, que, tal qual o Barão de Münchhausen, salvaram-se do mar de autoritarismo do regime soviético agarrando-se aos seus próprios cabelos².

Em benefício de uma nova interpretação da cambiante rede de relações pessoais e profissionais estabelecida por Vigotski e seus muitos colaboradores, estaria em curso uma “revolução revisionista” da história da psicologia soviética no século XXI, para a qual há contribuição de diversos autores (como Anton Yasnitsky, Ekaterina Zavershneva, René van der Veer, Jennifer Fraser, Michel Ferrari). Pode-se questionar se o impacto é tão grande a ponto de constituir uma “revolução”, mas há que se reconhecer a importância da análise de novas referências em história da ciência soviética, especialmente as de N. Krementsov, ao lado de mais antigas e consagradas (Bauer, 1952; Joravsky, 1961, 1989), ainda pouco estudadas no Brasil. Elas subsidiam a construção de uma historiografia confiável baseada em fontes primárias e reforçada pelo considerável fluxo de arquivos da antiga União Soviética abertos a partir do fim dos anos 1980.

O estudo das novas referências é tarefa fundamental para o desenvolvimento de uma psicologia vigotskiana crítica, de base marxista, sintonizada com a realidade brasileira no contexto mundial das lutas populares, que enxergue o seu próprio processo de constituição e busque a superação dos elementos autoritários que marcaram a difusão e interpretação do legado de Vigotski dentro e fora da União Soviética. Com a premissa de que nem tudo que reluz é Marx, o ouro da esquerda – mas pode ser Stálin, carregamento de pirita – realizei a pesquisa de pós-doutorado que ora relato como série de artigos (três deles em português e três em inglês, sendo esses últimos cronologicamente anteriores).

Este primeiro artigo em português (de fato, o terceiro na ordem cronológica) delinea o contexto político-científico no qual se dispõem as críticas de A. N. Leontiev a L. S. Vigotski, a ser analisada em artigo posterior dedicado à produção do primeiro autor nos anos 1930.

Com vistas à estratificação de diversos níveis de análise, emprego, sempre que possível, estudo dos textos originais em russo (e/ou comparação das traduções), pesquisa histórica e de comentadores da psicologia soviética. Na esteira de Joravsky (1955, p. 3), reconheço que dois tipos de fatores causais se manifestam: a) nos próprios trabalhos publicados; e b) nos que agem à distância e são mais difíceis de avaliar, como os interesses

do partido na ciência e a estrutura social totalitária que se desenvolveu na URSS.

A “Grande Quebra” staliniana

Krementsov (1997, p. 31) assinala o ano de 1929 como o inicial para uma mudança dramática – nas palavras do próprio Stálin, de *Grande Quebra (Velikii Perelom)* – em todos os aspectos da vida no país. Os sistemas paralelos de ciência burguesa e comunista unificaram-se, abrindo espaço para a *nomenklatura* – segundo Krementsov “uma lista de postos que não podia ser ocupado ou vago sem permissão do comitê partidário apropriado” (1997, p. 40, tradução minha) – chegando a abranger todos os níveis institucionais.

A liberdade dos anos 1920, que se estendeu a todas as esferas da cultura, foi revogada em benefício da transformação do “marxismo-leninismo” em ideologia de estado, tal como oficializou-se em 1929. Para Netto, sua síntese modelar, enxuta e cabal viria em 1938, com o clássico “O materialismo dialético e o materialismo histórico” (1938):

Prosseguindo a problemática reflexão do último Engels (o Engels do *Anti-Dühring*, da *Dialética da natureza* e do *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*) e reprisando as discutíveis colocações do Lenin de *Materialismo e Empiriocriticismo*, Stalin pensa a dialética de uma forma primária e grosseira. (Netto, 1982, p. 18, itálicos no original)

A fusão totalitária entre Estado e Partido atribuiu ao último a definição das linhas “corretas” de construção do socialismo, hierarquizando fortemente a sociedade em detrimento da anterior diversidade cultural e política proporcionada pelo estado bolchevique. O país passa a governar-se por meio de planos quinquenais, que teriam diretrizes claras para as ciências de acordo com o projeto stalinista de desenvolvimento. Os planos, resoluções do partido e os (raros) discursos e/ou textos de Stálin ou seus sucessores serão promovidos à condição de referência bibliográfica, sempre em contexto discursivo positivo (Krementsov, 1997; Joravsky, 1961; Yasnitsky, 2009; Gerovitch, 2004), embora as referências a Lênin tenham ocupado mais espaço na ordem stalinista. Em linhas gerais, vemos o “marxismo-leninismo” tornar-se onipresente na psicologia após os anos 1930, apesar de não haver intenção de avaliar, de fato, a importância de Lênin para as ciências, como foi nítido nos debates dos anos 1920 (Joravsky, 1961).

Deve-se enfatizar que o Estado “estabeleceu estrito controle administrativo sobre as estruturas institucionais, pessoal científico, direções de pesquisa e comunicações acadêmicas” (Krementsov, 1997, p. 4, tradução minha). Grosso modo, buscar patronos entre os *decision makers* de diversos escalões foi-se transformando em competência tão importante para um pesquisador quanto manejar instrumentos de laboratório ou elaborar revisões bibliográficas. Assim:

2 Yasnitsky (2009, p.10-11) reporta que o “marco zero” da versão canônica de Leontiev é o encontro dos três pais fundadores e formação da *troika* em 1924. Uma segunda aliança formou-se com a inclusão da *pyaterka* (“os cinco”): Zaporozhets, Bozhovich, Levina, Morozova e Slavina. Esses oito indivíduos teriam formado a “Escola de Vigotski”. Sem mais detalhes, comenta-se a partida de Luria, Leontiev, Zaporozhets e Bozhovich para a cidade de Kharkov. Ali, juntaram-se Galperin, P. Zinchenko, Asnin, Khomenko e Lukov, formando a Escola de Kharkov. Luria logo retornou a Moscou e Leontiev passou a encabeçar todo trabalho administrativo e de pesquisa, até seu regresso a Moscou, em 1935 (Leontiev, Leontiev, & Sokolova, 2005).

Em todo caso, deve-se ter em mente que *todo e qualquer texto, sem exceção*, produzido entre meados dos anos 1930 até ao menos o início dos 1980s, planejado pelo seu autor para divulgação pública, servia ao duplo propósito de produção e troca de conhecimento e, por outro lado, necessitava conformar-se à agenda extremamente rígida da propaganda comunista, expressar lealdade à ideologia do Partido Comunista e seus poderosos chefes-patro-nos da ciência. Portanto, virtualmente todos os textos científicos da época podem ser localizados em algum ponto no *continuum* entre ideologia e ciência, mas nunca em um único extremo. (Yasnitsky, 2009, p. 98, tradução minha)

Apesar da grande dificuldade implicada nesse “duplo desafio”, é necessário lembrar que os cientistas em atividade eram classe privilegiada no plano da difícil vida cotidiana da União Soviética: tinham direito a maior suprimento alimentar, prestígio social, imunidade com respeito ao confisco de casas e apartamentos e isenção com respeito ao labor físico/militar (Krementsov, 1997, p. 18). Tomando em consideração o draconiano Código Penal de 1932, por meio do qual se podiam criminalizar faltas cometidas no processo de produção – punindo-se severamente o absentismo a despeito das duríssimas condições de realização do trabalho braçal (Reis Filho, 2007, p. 132) –, a ciência aparecia para muitos como boa opção de carreira em um quadro de aprofundamento das desigualdades sociais que começaram a se implantar nos anos 1920.

Já em 1929, 650 membros da Academia de Ciências da URSS foram demitidos ou presos. É fato que muitos cientistas não eram marxistas e diversos opunham-se ao regime (Krementsov, 1997; Joravsky, 1961); não obstante, desde a Revolução Russa eram considerados absolutamente necessários para o ensino e a pesquisa no processo de construção do socialismo. O partido assume controle total no final dos anos 1930 (Krementsov, 1997, p. 32-33), restando aos pesquisadores elaborar as mais diversas estratégias organizacionais e discursivas para preservar-se de sanções mais brutais (Yasnitsky, 2009).

Também o estilo polêmico e os modos de comportamento grupal oriundos do Partido foram adotados pelos cientistas e tornaram-se parte do seu *habitus* (Krementsov, 1997, p. 32). A atuação das células do partido nas diversas instituições aumentou de importância, sendo cada vez mais comum a entrada de cientistas no partido – no campo *psi*, cite-se Luria em 1943 e Leontiev em 1948 (Yasnitsky, 2009), adesão propulsora de sucesso na carreira. No universo de elementos que compuseram o mundo da ciência soviética e transcendem nossa vã filosofia marxista tupiniquim, cumpre destacar que, além do partidarismo (*partijnost*), o eixo central do stalinismo era a defesa da “praticidade” (Yasnitsky, 2009, p. 43).

Os stalinistas, como mostram Joravsky e Krementsov, passaram a atacar toda e qualquer suposta torre-de-marfim acadêmica que lhes atravessasse o caminho,

de modo a tomar posse de aparelhos institucionais ou galgar degraus da burocracia. Esse processo consistiu na chamada “bolchevização”. Sobre o domínio internacional exercido pelo Partido Comunista da União Soviética, Netto comenta:

Em pouco tempo, a defesa da república soviética e a admiração pelo partido de Lenin converteu-se numa submissão passiva às concepções oficiais do partido e do Estado conformados pela direção stalinista. Nisto consistiu a bolchevização: a identificação dos ideais socialistas com as propostas do partido russo – reconhecido como “partido-guia” – a defesa da república soviética convertendo-se na aceitação acrítica das medidas do Estado soviético. (1982, p. 21)

Julgamos essa ideia adequada à descrição das consequências sociais do partidarismo de Stálin internas à URSS, incluindo as instituições científicas. Em termos textuais, a “bolchevização” (na verdade, stalinização) resultou em um estilo crítico descuidado e áspero, como veremos nas críticas a Vigotski. Conforme bem expressa Joravsky (1989, p.340), as ciências deveriam também servir como instrumento de mobilização das massas para criar uma personalidade que preenchesse os requisitos da sociedade socialista. Friso que “Bolchevização” foi o título que Stálin atribuiu à sua “revolução pelo alto”, não devendo se confundir com sua prática real.

O espectro da crítica ronda Vigotski

A famosa queixa de Stálin sobre os cientistas, em dezembro de 1929 (acerca da inépcia deles em produzir contribuições práticas na evolução do socialismo), repercutiu fortemente sobre o Primeiro Congresso de Toda a União Sobre Comportamento Humano, em janeiro de 1930 (Joravsky, 1961). Com autorização do Secretário-geral Stálin, em janeiro de 1931 o Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética promulgou um decreto contra o “mecanicismo” e o “idealismo menchevizante” no campo das ciências naturais, acusando ambas as facções de desvios com relação ao marxismo-leninismo (Bauer, 1952; Joravsky, 1955, p. 4).

Nos meses posteriores a janeiro de 1930, a célula do Partido no Instituto de Psicologia Experimental (onde trabalhavam Vigotski, Luria e Leontiev) acusou o diretor, Kornilov, de liderar a separação teoria-prática; o Instituto, de não trabalhar suficientemente com psicologia aplicada, e, presumivelmente, de manter uma (indesejável) diversidade de tendências. A pressão do partido tendia a valorizar a adoção de uma só perspectiva em cada ciência, pavimentando – de modo ainda inespecífico – as condições para a supremacia monolítica da teoria da atividade nas décadas seguintes.

O jornal *Izvestiia* reportou uma “limpeza” (*tchistka*, termo muito usado na bolchevização) no Instituto de Psicologia Experimental em novembro de 1930. Em junho

de 1931, a célula do partido adotou uma resolução que sintetizava os resultados dessa discussão (apelidada como “discussão da reactologia” – pois, em 1927, já ocorrera a da reflexologia). Conforme Koltsova (1996, p. 68), a ciência burguesa foi avaliada como estranha à construção do socialismo, clamando, de forma nada convincente, que havia preservado o melhor dela. Nessa época, a ideologia marxista-leninista erguia barreiras intransponíveis entre psicologia burguesa e não-burguesa.

os aspectos científicos e substantivos da reactologia e da reflexologia serviram simplesmente como contexto nestas discussões. . . . Por exemplo, a reflexologia foi acusada de exercer uma influência de classe hostil na psicologia; importar noções idealistas no campo [da psicologia], sob a bandeira do marxismo; dissociar teoria da prática; ecletismo militante; agnosticismo; e distorções kantianas da teoria do reflexo marxista-leninista. (Koltsova, 1996, p. 67)

Conforme veremos mais adiante, essas acusações têm uma notável semelhança com as críticas públicas feitas a Vigotski – diluindo essas últimas, pois, no contexto político e cultural mais geral da União Soviética. Joravsky (1989) relata que a reflexologia de Bekhterev, a reactologia, e a psicologia culturista de Vigotski e Luria foram duramente rechaçadas. Nenhuma delas se qualificava como a “autêntica” psicologia marxista, sem contaminações ocidentais, e em todas sobrava negligência para com a prática de construção do socialismo. Essas acusações se alinhavam com a primeira onda de xenofobia na cultura soviética dos anos 1930, que persistiu ao menos até o final da Segunda Guerra Mundial (Joravsky, 1955, p. 11; Kremmentsov, 1997). Kolbanovskii, um jovem militante dos quadros do partido, substituiu Kornílov à frente da direção do instituto. O efeito dispersor exercido sobre o grupo principal dos vigotskianos, ali alocado, foi significativo.

Nessa paisagem, a crítica ao trabalho de Vigotski (diretamente associado a Luria) desdobrou-se em dois movimentos: crítica pública e autocrítica. Um terceiro movimento foi a crítica de seu antigo pupilo, Leontiev, aproximadamente em 1937, além dos colaboradores kharkovitas desse último – Zinchenko e Lukov – ambas em 1939 (Yasnitsky, 2009). Os dois primeiros movimentos foram algo simultâneos, sendo o primeiro o que conta com mais farto material, que aqui analisarei.

A crítica pública elaborada por agentes do Estado e/ou adversários no campo da ciência e educação soviéticas atravessou a década. Vigotski conviveu com a persistente ameaça de investigação crítica por uma comissão estatal, que foi efetivamente instalada. Uma crítica como essa exercia pressão considerável sobre seus alvos, demandando resposta (normalmente, na forma de autocrítica) por parte deles.

Segundo Veer (2000, p. 6), o objeto da investigação foi a natureza ideológica das investigações de Luria no Uzbequistão. Alguns críticos sublinharam o suposto

preconceito de Vigotski (com ou sem Luria) com relação às capacidades e atividade da população trabalhadora (Razmyslov, 2000; Kozyrev & Turko, 2000; Rudneva, 1937/2000), não obstante, nas sombras, os próprios membros do partido manifestassem enorme desprezo pelas populações que habitavam as regiões longínquas da União Soviética (Joravsky, 1989), sentimento que, em parte, orientou as brutais campanhas de coletivização no campo.

Não era fácil descobrir possíveis “aplicações práticas” para uma ciência imatura como a psicologia (Joravsky, 1989). Tal pressão ocorria também no Ocidente – na contramão das expectativas de autores de distintos tempos, espaços e projetos, como Wundt, Chelpanov e Skinner (Walsh, Teo & Baydala, 2014; Rutherford, 2009). Nesse momento de agressiva stalinização das ciências, a autocrítica vigotskiana esteve longe de ser caso isolado. Entretanto, ela teria envolvido elementos intrínsecos à evolução das suas ideias (sem ser uma mera reação a demandas do Partido-Estado), e seu conteúdo, mais de 80 anos depois, é bem menos preciso do que a crítica oficial.

Joravsky (1989, p. 346; p. 364) interpreta como um dos motivos para as expedições de Luria no Uzbequistão, em pesquisa conjunta a Vigotski, o de transformar os vagos slogans stalinistas sobre a importância da “prática” em algo mais palpável, menos laboratorial que os anteriores trabalhos do grupo. Essa época coincidiu com o florescimento da aplicação de testes tanto no campo da psicologia aplicada ao trabalho (psicotécnica) quanto na pedologia, imitando a ambição ocidental de encaixar cada sujeito em seu devido posto de trabalho ou educação.

A pesquisa com povos minoritários (também denominada “psicologia étnica” por Medvedev, 1996) tinha raízes diretas na psicologia dos povos de Wilhelm Wundt. Na Rússia, em 1922, publicou-se a “Psicologia da Nacionalidade” de Ovisianiko-Kulikovskiy, sendo muito popular, nos anos 1920, a pesquisa com as minorias nacionais. Zalkind, ainda a voz oficial do partido para questões de psicologia (Bauer, 1952), declarou em 1930:

A dinâmica de crescimento das minorias nacionais é tremenda. Conforme se faz a via férrea Turkesto-Siberiana e novos canais de irrigação são construídos, profundas mudanças terão lugar dentro de um período de tempo muito curto no Turkestão, em termos das características psiconeurológicas das massas trabalhadoras. (Zalkind, 1993, p. 12, tradução minha)

Esse trecho de Zalkind foi publicado em um número especial da revista *Pedologuiia* dedicado ao relato de pesquisa com povos de regiões distantes da União Soviética. A princípio, o clima era bastante favorável às pesquisas no Uzbequistão – com expedições de Luria a campo nos verões de 1931 e 1932 (Joravsky, 1989) –, as quais abrangeram estudo dos processos mentais (percepção, formação de conceitos, pensamento causal, religioso, aritmético) da população do Uzbequistão, então sob o choque da coletivização forçada no campo.

Sobre esse momento histórico, há convergência entre Valsiner (1993, p. 7) e Joravsky (1989, p. 352) na observação de que a ideologia soviética foi orientada pela noção germânica de *Kulturträger*, a qual aparece no vocabulário soviético como uma carga de desprezo, associada aos colonizadores que pretendiam levar povos atrasados a um novo nível civilizatório.

Trata-se, sob diversos aspectos, de uma pesquisa controversa (que, infelizmente, não poderei discutir extensivamente; priorizo, aqui, a relação dela com as políticas soviéticas). Nunca se teve acesso ao seu conjunto; a seleção dos sujeitos foi pouco detalhada; a interação durou apenas alguns meses, embora Luria chegasse a aprender o idioma uzbeque (Homsкая, 2001, p. 26). Kurt Koffka, psicólogo gestaltista responsável pelos estudos da percepção na segunda expedição, apontou a assimetria cultural e de poder entre pesquisados e pesquisadores, discordando de que os sujeitos considerados mais “primitivos” não manifestassem ilusões de ótica (Veer & Valsiner, 2001; Yasnitsky, 2013; Lamdan, 2013). O desacordo Luria-Koffka é hoje considerado uma das causas de os dados da segunda expedição não se terem publicado nos anos trinta (Lamdan, 2013), causa essa que se teria somado à crítica oficial dos stalinistas.

Após as expedições, ocorreu uma condenação política de Vigotski e de Luria e da sua psicologia – embora seja preciso admitir: o Estado recusava a todas as psicologias soviéticas a condição de psicologia marxista “verdadeira” (Joravsky, 1989), lançando os pesquisadores em uma atmosfera de amedrontada confusão. Não saber qual o caminho seguir para a construção de uma nova psicologia palatável às autoridades foi outras das razões para a cautela em publicar ideias novas – que poderiam ser trituradas nos meses seguintes, levando a importantes sanções (Yasnitsky, 2009).

Longe de incomum na época, embora único entre os vigotskianos, o episódio do Uzbequistão foi um exemplo de desencontro entre cientistas e burocratas, atraindo, conforme já mencionado, uma comissão oficial para investigar o caso – cujo relato resultou na crítica oficial de Razmyslov (1934/2000). Em termos de impacto no Círculo de Vigotski, essa foi a crítica mais importante do início dos anos 1930, sendo expressão direta da avaliação do partido sobre Vigotski e Luria. Embora não ocorressem consequências mais graves, como sentenciamento à prisão ou morte, Homsкая (2001, p. 30) afirma que a comissão ameaçou represálias mais severas se novas pesquisas de Luria desviassem da linha ideológica oficial.

Neste sentido, o recado do partido foi claro, estabelecendo um limite para a psicologia que só seria suspenso na gestão de Gorbachev (Medvedev, 1996), iniciada em 1982 (Reis Filho, 2007, p. 226). Não era bem-vinda a pesquisa de diferenças culturais que mostrasse discrepâncias na escolarização populacional entre as nacionalidades soviéticas e/ou a ineficácia de qualquer política. De modo geral, a pesquisa de diferenças étnicas (envolvendo linguagem, pensamento e costumes) passou a ser desencorajada pelo regime – razão essencial para que a psicologia se tornasse cada vez mais

asséptica, professando um marxismo de papel-e-tinta focado em citações dos clássicos Marx, Engels e Lênin (caso dos principais autores da psicologia “geral” durante o regime soviético, Leontiev e Rubinshtein) ou focada no trabalho experimental. O rico e amplo projeto de Vigotski e Luria para uma psicologia cultural marxista teve vida curta.

Ilustrativa da mentalidade autoritária que se espalha na URSS, chega a ser tragicômica a análise de Razmyslov sobre protocolos da pesquisa de Luria e companhia no Uzbequistão. Para o crítico, em vez de mostrar como os vestígios de capitalismo eram banidos da economia e consciência dos trabalhadores uzbeques, criando o novo homem, a pseudociência de Luria negligenciou os “exemplos de uma consciência política altamente desenvolvida entre trabalhadores de fazendas coletivas no Uzbequistão como exemplos de pensamento situacional” (Razmyslov, 2000, p. 52). Vejamos um dos exemplos relatados pelo crítico para mostrar a suposta negligência de Luria: o pesquisador questiona a um homem de 67 anos (guarda em uma cooperativa) se ele gostaria de ir a Moscou com os pesquisadores. Na sequência do diálogo, responde o sujeito: “Eu iria se fosse jovem. Eu iria fazer em Moscou o que o Estado me mandasse. Se eles me mandassem ser um camponês, eu o seria” (Razmyslov, 2000, p. 53). Em suma: a “elevada consciência política” a que se refere Razmyslov confunde-se com um discurso de obediência ao Estado, que não teria sido valorizada pelo grupo de Luria.

Na mesma direção, em janeiro de 1937, publica-se a crítica mais ofensiva e caluniosa, de Rudneva (1937/2000). Ela afirmou ser errôneo considerar que a mente do adulto não podia mudar, e nem mesmo era “preciso provar que esta conclusão tem sido refutada por todas as realizações da revolução cultural em nosso país” (p. 85). Este vocabulário stalinista, dogmático, afirma-se por uma natureza impermeável ao debate, adverso à análise da realidade social de seu tempo, fosse ela soviética ou ocidental.

Após o assassinato de Sergei Kirov, cabeça do partido em Leningrado e potencial concorrente de Stálin ao poder, em dezembro de 1934, aprofundou-se o clima de terror na URSS (Deutscher, 1970), com Stálin iniciando os Grandes Expurgos com assassinatos em massa, incluindo os de praticamente todos os líderes bolcheviques, como Bukhárin, Zinoviev, Rikov, Yagoda, Kamenev e Trotski (esse último em 1940). Outros tantos intelectuais, artistas, militares e profissionais em geral foram mortos, presos ou enviados para os campos de prisioneiros na Sibéria (Deutscher, 1970, p. 323), onde se desenvolveu muito da pesquisa científica soviética. Em princípios de 1939, os expurgos públicos chegaram ao fim, dando início a um processo de russificação e stalinização da III Internacional que afetou o movimento proletário de todo o mundo (Netto, 1982).

Assim, compreendemos a complexa situação dos ex-membros do Círculo de Vigotski, em um contexto contraditório no qual o antibolchevique Pavlov ganhava mais e mais laboratórios, a ponto de declarar publicamente seu entusiasmo para com o “experimento social” realizado pelas autoridades soviéticas, em 1934 (Joravsky, 1989), os

quais se afinavam com sua interpretação mecanicista de natureza humana. Enquanto isso, em mais um dos muitos paradoxos do regime soviético, o fiel comunista Zalkind, já citado neste artigo, caía dos favores do regime em 1931 (Joravsky, 1989, p. 279), acabando por suicidar-se em 1936.

A campanha de crítica a Vigotski

Ocorreu uma campanha para crítica à obra vigotskiana logo após o Decreto “Sobre as deturpações pedológicas no sistema dos Narcompros” em 4 de julho de 1936 (Wortis, 1953). Nosso acesso direto aos textos de crítica a Vigotski entre 1936 e 1940 restringiu-se aos trabalhos de Rudneva (2000), Kozyrev & Turko (2000) e A. N. Leontiev (1937/2005).

Embora não atinjam 100 páginas, quatro dos seis textos que analisei antecedem o Decreto. Três deles privilegiam esferas outras da obra vigotskiana que não a pedologia. Joravsky (1989) percebe franco anti-intelectualismo no processo de stalinização da sociedade (também evidente em Koltsova, 1996), o que identificamos no estilo dos artigos: avaliações negativas lançam-se com pouca ou nenhuma prova contra Vigotski, Luria e colaboradores próximos na forma de meras ilações sem fundamentação argumentativa, geralmente construídas a partir de citações decapitadas de seu contexto ou de seu sentido e posição na obra do(s) autor(es). A maioria dos textos contém erros grosseiros de interpretação, que evidenciam sua essência político-ideológica “bolchevizante”, à parte do debate com o público instruído em psicologia vigotskiana.

Seu eixo central foi a acusação-padrão da Grande Quebra: a imputação de “não marxismo” (Joravsky, 1989; Kremmentsov, 1997), ou seja, de desvios com relação ao autêntico “marxismo-leninismo”. Nas palavras de Razmyslov: “nós que já conhecemos as visões de Vigotski na questão da escola e outras, deveríamos, é claro, estar em guarda pois ele é a pessoa que interpreta os postulados dos fundadores do marxismo à sua própria maneira” (2000, p. 56, tradução minha).

É paradoxal notar que, enquanto a independência de espírito de Vigotski fê-lo alvo de críticas na União Soviética, a criatividade de seu marxismo tornou-o objeto de aplauso por comentaristas importantes em países do Ocidente (Shuare, 1990; Joravsky, 1989). Ali, a interpretação do marxismo centralizou-se progressivamente nas mãos do partido, que, como mostra Kremmentsov (1997), manejava nas sombras os filósofos da Academia de Ciências. Esses mesmos filósofos alternaram momentos de ascensão e queda: caso, por exemplo, de Deborin e do próprio Rubinshtein. Esse controle totalitário do partido obedecia a noção stalinista de *partijnost*, em aberto conflito com as ideias de Lênin sobre a produção de ciência engajada com as lutas da classe trabalhadora (Joravsky, 1961, p. 26). Um desafio fundamental aos autores em diferentes ciências, filosofia e educação após a Grande Quebra era o de adequar seus respectivos campos de trabalho ao marxismo oficial, prática que não se modificou mesmo com a morte de Stálin e a revelação de seus crimes, em 1956.

Os críticos variam ligeiramente de perspectiva no tocante à identificação de defeitos no marxismo de Vigotski (com ou sem a participação de Luria). Há, por exemplo, o apontamento de um déficit na compreensão vigotskiana do ambiente histórico e da posição de classe da “jovem pessoa” (Feofanov, 2000), na direção de uma análise das formas sociais de consciência e da ideologia de classe (Razmyslov, 2000, p. 48), além das atividades concretas do ser (Abel’skaia & Neopikhonova, 2000). Afirma Razmyslov:

ele deveria estar falando do ambiente de classe da criança, seu ambiente de produção, da influência da escola, do grupo de Pioneiros e do movimento do Komsomol como transmissores da influência do Partido e do Proletariado nas crianças, que há estágios em nosso vir a conhecer o mundo. (p. 49, tradução minha)

Em texto originalmente publicado em 1950, vemos Leontiev (1961) cumprindo fielmente essas novas orientações sobre o modo de dizer a infância.

As contradições conceituais desse movimento de crítica fazem-se evidentes mesmo em uma análise superficial. Por exemplo: a pedologia de Zalkind – que propunha então uma ampla caracterização da vida da criança em seu meio social, sendo foco de crítica de Leontiev (1937/2005) –, e mesmo de Vigotski – com a noção de situação social de desenvolvimento –, foram banidas em 1936, a exemplo da já mencionada “psicologia étnica”. Portanto, cobram-se mais estudos da criança em seu ambiente de classe apenas retoricamente – na prática, eliminam-se as tentativas mais sérias nesse sentido. Com isso, instituiu-se espaço apenas para a publicação de textos que mantivessem uma posição positiva ou neutra com relação às políticas soviéticas para a infância. Na medida em que essas políticas estavam à prova de crítica, demandando a adesão – o mais entusiástica possível – dos acadêmicos, promover a psicologia impunha a necessidade de cavar-lhe um espaço nas políticas já criadas. Assim o faz Leontiev em sua defesa da relevância da psicologia para a pedagogia, tentando desvinculá-la dos desvios pedológicos, já no pós-guerra (Leontiev, 1946).

Talankin (1931/2000) cobra de Vigotski e de Luria a análise do desenvolvimento dos processos mentais com base na história do trabalho, enquanto Abel’skaia e Neopikhonova (1932/2000) acusam os autores de apartar ferramentas e signos da análise das relações de produção. Nesse sentido, seria notada, em Vigotski e em Luria, a ausência de conceitos da ontologia social marxista como forças produtivas, relações de produção e luta de classes (Razmyslov, 1934/2000, p. 47). Esse autor acrescenta que Vigotski e Luria, “não conhecendo o marxismo, e não possuindo o método do materialismo dialético, são constantemente presas desta ou daquela perspectiva psicológica burguesa em moda” (p. 57). Com um discurso notável por sua agressividade, como observou Veer (2000), Rudneva

(1937/2000) não hesitou em associá-los à burguesia, ao fascismo e à contrarrevolução.

A associação de Vigotski com uma apropriação acrítica das psicologias burguesas é feita por Razmyslov, Feofanov, Kozyrey e Turko. Vigotski teria partido não da consciência de classe para tratar da consciência individual, mas da consciência como algo vago, “enevoadamente” coletivo, tributário do neopositivismo francês (de Durkheim e Lévy-Bruhl) (ver Razmyslov, 2000). Talankin também acusa Vigotski e Luria de positivismo, a exemplo de Leontiev (1940-1941/2003; 1937/2005, pp. 20-21).

Leontiev refere-se aos textos de Talankin e Razmyslov não nos anos 1930, mas em texto (póstumo) datado de 1982: o Apêndice ao Tomo I das *Obras Escogidas* (OE) de Vigotski, publicado com mediação de Leontiev. E, presumivelmente, escrito após 1966, ano do sinal verde das autoridades soviéticas para a publicação das OE (Fraser & Yasnitsky, no prelo, p. 23). Vejamos o que ele diz:

Naturalmente, pareceria que, ao situar a consciência no mundo dos produtos da cultura tão depurados como são o signo e o significado, Vigotski estaria renunciando ao programa psicológico dirigido inicialmente ao estudo da atividade prática com ajuda dos objetos, laboral dos homens, estudo ao qual estavam orientados todos os esforços de Vigotski.

Deve-se dizer que alguns psicólogos dos anos 30 (por exemplo, A. A. Talankin, P. I. Razmyslov e outros) captavam e assinalavam o ponto débil que existia na interpretação da relação entre a consciência e a vida real, e que na teoria histórico-cultural se faria patente. O problema era muito complexo na psicologia e continua a sê-lo. (Leontiev, 1991, p. 448, tradução minha)³

Portanto, ao menos no que se refere à relação consciência-vida real (foco de análise no segundo artigo dessa série em português), Leontiev acolhe a crítica de Razmyslov (2000) e Talankin (2000) – embora não esclareça quais seriam esses “outros” analistas das debilidades de Vigotski. Note-se que tal observação foi realizada anos depois da onda de críticas a ele, mesmo após o Degelo Stalinista (iniciado com a revelação dos crimes de Stálin por Khrushchev, em 1956), e, ao contrário da mais extensa crítica de Leontiev (1937/2005), já fora de um contexto de censura à obra vigotskiana. Ao concordar com Talankin, Razmyslov “e outros” mostram, como em

3 No original: “Naturalmente, pareceria que, al situar la consciencia en el mundo de los productos de la cultura tan depurados como son el signo y el significado, Vigotski estaría renunciando al programa psicológico dirigido inicialmente al estudio de la actividad práctica con ayuda de objetos, laboral del hombre, estudio al que estaban orientados todos los esfuerzos de Vigotski.

Hay que decir que ya algunos psicólogos de los años 30 (por ejemplo, A. A. Talankin, P.I. Razmyslov y otros) captaban y señalaban el punto débil que existía en la interpretación de la relación entre la conciencia y la vida real, y que en la teoría histórico-cultural se haría patente. El problema era muy complejo en la psicología e sigue siéndolo.”

outros momentos, diferenças com relação ao seu antigo líder. Trata-se de uma dentre as diversas evidências que apontam para a fragilidade da narrativa da *troika* como o núcleo unitário de concepção e desenvolvimento das ideias vigotskianas, apontando para o peso do contexto político na apropriação feita por Leontiev da obra de Vigotski.

Como era próprio da bolchevização, as críticas cobraram das noções histórico-culturais sobre mente/consciência e sua relação com o meio externo – que passavam, necessariamente, por uma nova teoria da linguagem – a presença da teoria do reflexo (*otrajenie*) de Lênin. Conforme trabalhei em outros textos, o sentido dessa cobrança estava em Lênin – particularmente, seu “materialismo e empiriocriticismo” – ter sido apenas uma das fontes para os elementos ontológicos e epistemológicos presentes no marxismo de Vigotski (1927/1991), não predominando com relação a Plekhanov, Marx e Engels. Mesmo a publicação dos *Cadernos filosóficos* leninianos não recebera atenção especial, até que a Grande Quebra abriu caminho para que esse autor ombreasse Marx e Engels entre os filósofos que se ocupavam do mundo das ciências.

Ao longo dos anos vinte, Engels foi geralmente considerado como fonte mais importante para a filosofia da ciência natural do que Lênin; a “bolchevização da filosofia” foi necessária nos anos 1930-1 para pôr Lênin próximo de Engels na lista-padrão de ‘clássicos’. Acima de tudo, o novo ‘clássico’ de Lênin estava muito mais próximo do estado de rascunho primitivo do que o de Engels [“Dialética da Natureza” – G.T.], que tinha trechos consideráveis de argumentação e exposição. (Joravsky, 1961, p. 216)

Foi nesse contexto de Grande Quebra que Stálin e seu regime exigiram maior presença de Lênin e sua teoria do reflexo – mesmo no campo da matemática e das ciências naturais (Krementsov, 1997). Nessa atmosfera, Vigotski e Luria teriam pecado por não analisar as funções mentais à luz da teoria leniniana, descartando os problemas da sensação e percepções; focavam diretamente em ideias, conceitos, e no pensamento em geral. Os autores não teriam compreendido a interação e conexão dialética entre eles; a conexão entre o mundo material e a nossa consciência (Razmyslov, 1934/2000, p. 47). O mesmo valia para o precioso papel da “prática” e a condição do conceito como produto/generalização de sensações e ideias, na relação abstrato-concreto; universal e singular. Rudneva (2000) observa que Vigotski não focava a atividade mental humana como reflexo unificado e criativo da realidade objetiva na consciência, mas processo idealista, autossuficiente, independente da classe e da atividade produtiva da pessoa, desprezando as fundações materiais da consciência (autossuficiência também “denunciada” por Abelskaia, Neopikhonova, Razmyslov, Kozyrey e Turko).

Frente às exigências do partido, seria demasiado otimismo desejar vida longa às originais ideias da teoria histórico-cultural sobre a linguagem e suas relações com a

consciência. Feofanov (2000) enfatiza o caráter da linguagem como consciência prática, com gênese social, cobrando a presença do novo intérprete oficial do partido para questões de linguagem, Marr. A presença de Marr, considerado pelos críticos como o linguista pronto a mostrar como a consciência resulta no desenvolvimento do objeto e dos meios técnicos derivados da produção, além de Engels, também é cobrada por Kozyrey, Turko e Rudneva.

Os textos publicados após o decreto sobre as perversões pedológicas de 1936 atacam duramente as ideias educacionais e pedológicas de Vigotski. A extinção da pedagogia foi um dos raros casos nos quais houve intervenção aberta do Comitê Central (Joravsky, 1989, p. 36), raro caso de destruição de uma ciência/prática inteira por decreto ao longo do século XX. Conforme já mencionado, a campanha de crítica a Vigotski instalou-se apenas após o decreto (o texto de Rudneva parafraseia-o até mesmo no título, *Vigotski's pedological distortions*), como golpe em uma área de estudos e práticas que contara com forte impulso a partir da Grande Quebra.

Curiosamente, em 1931, depois do afastamento de Lunacharsky do Comissariado de Educação, com a subsequente tomada do comando por ardentes stalinistas, havia se decretado amplo suporte à pedagogia. Nessa época, Vigotski produziu contribuições significativas para a teoria e prática pedológica. Como campo, ela envolvia a seleção de crianças (com desempenho acima ou abaixo da média da faixa etária) para as escolas especiais, com a adequação de programas para as necessidades específicas dos estudantes (Joravsky, 1989, p. 347)⁴.

Fraser e Yasnitsky (no prelo) apontam que cerca de 14% dos estudantes de 7 a 13 anos foram reprovados em Leningrado entre 1935-1936, despertando críticas no partido com relação à prática pedológica. É certo, porém, que no bojo das reformas conservadoras de Stálin, que chamavam pais e professores à responsabilidade pela modelação ideológica das novas gerações, a pedagogia – na qual se alocavam muitos psicólogos – era demasiado moderna. No processo de “revolução pelo alto”, orquestrado no regime de Stálin, desqualificavam-se também outras formas de aconselhamento psicológico e psiquiátrico que não medidas de recompensa/punição e vigilância sobre os indivíduos. Em tantos aspectos mais semelhantes a um capitalismo de Estado do que a um comunismo (Naves, 1994, p. 72), tal revolução continuou a pregar o crescimento unitário e monolítico da massa como um todo.

O caráter autoritário da “bolchevização” evidenciava-se nas acusações lançadas por Rudneva às ideias

educacionais de Vigotski. Injustamente, o autor é acusado pelo menos cinco vezes de defensor da “teoria da demissão da escola”, atribuída à ala esquerda do partido (ou seja, a trotskista), um dos chavões das acusações divulgadas no final dos anos 1930 – das quais Leontiev e Luria (1956/1970) defendem-no quando se volta a publicar seu trabalho na URSS. Afirmo que Vigotski “é contra medidas para encorajar e repreender, contra avaliações, e contra notas” (p. 75), e desvaloriza a importância dos professores. Várias faltas que ela acusa em Vigotski têm sinal trocado: são exatamente aquilo que o autor defende. Por exemplo: a ideia de que o desenvolvimento intelectual é o resultado da aprendizagem, aspecto que ele teria negado em seus escritos.

Atacam-se também a teoria das crises de desenvolvimento, a noção de períodos ótimos para aprendizagem, a “invariabilidade do ambiente” ao longo da vida da criança (Vigotski, 1935/2010). Tal qual o decreto contra a pedagogia, o texto de Rudneva ainda o acusa de sufocar o desenvolvimento humano pelo determinismo de dois fatores: hereditariedade e ambiente. Entre os críticos de Vigotski, ela é a única a mencionar Leontiev como um dos seus pupilos (junto de Luria, Sakharov, Shif e Zankov) e disseminador do método burguês.

Considerações finais

No século XXI, tem se consolidado um processo de revisão da história da psicologia e da ciência soviética, conduzindo à crítica da narrativa hagiográfica – bastante dependente da noção de que Vigotski, Luria e Leontiev formaram uma *troika* – acerca do nascimento e desenvolvimento da psicologia vygotzkyana.

Procurando contribuir com a superação dessa noção, este artigo apresentou breve resumo e debate de fatos políticos e científicos importantes que determinaram o processo de reconfiguração da produção na ciência em geral e na psicologia em particular como consequência da “Grande Quebra” stalinista (1929-1932). O partido impôs algumas linhas gerais de produção científica às quais os psicólogos soviéticos foram se adaptando no decorrer da década de 1930. Conforme aqui analisei, acusações-padrão dos críticos stalinistas foram se expressando – mais do que se desenvolvendo – no processo de crítica a Vigotski (sozinho ou diretamente associado a Luria) e seus colaboradores.

Nesse processo, destaco o forçado fim da diversidade intelectual no campo da psicologia (em busca da genuína, “verdadeira”, psicologia marxista); a necessidade de privilegiar Lênin (particularmente, a sua teoria do reflexo) e os pais-fundadores das ciências soviéticas; a eliminação de sinais de psicologia ocidental que acarretassem prontas acusações de ecletismo, contrarrevolução, fascismo e similares. Conforme mostra Kremenstov (1997), o rigor acadêmico foi deixado em segundo plano, em benefício da busca de discursos “científicos” aptos a passar pelos filtros da censura stalinianas. Mais do que fonte de produção de

4 O tema da pedagogia soviética é complexo e foge aos limites desse artigo. Em resumo, para Joravsky (1989), o forte impulso por ela recebido foi um exemplo das contradições inerentes à busca de uma equiparação da União Soviética com o capitalismo avançado, para posterior superação do capitalismo – o famoso jargão “catch up” e “overtake”, propagado por Stálin (Kremenstov, 1997; Joravsky, 1989) – e revolução socialista. É interessante notar o forte apelo conquistado pelo taylorismo e o fordismo na União Soviética (segundo Joravsky, 1989, p. 342, desde Lênin), além do pragmatismo próprio da cultura dos Estados Unidos. Impregnou-se a sociedade soviética de um cientificismo mecanicista.

ideias, o marxismo torna-se instrumento para o processo de disputa de recursos institucionais.

Todavia, penso que o impacto mais nocivo dessas mudanças consistiu na profundidade do encolhimento da psicologia histórico-cultural de Vigotski e Luria no interior de um *continuum* ciência vs. ideologia que ocultava a relação dos pesquisadores com os *decision-makers* do partido. Com a reação negativa às pesquisas de campo de Luria no Uzbequistão, concomitante à consolidação do estado totalitário soviético – o que incluiu o processo de bolchevização das ciências – as críticas a Vigotski espelharam

uma nova situação política para a qual a psicologia social, cultural e mesmo clínica não eram convidadas. Com isso, restringiu-se seriamente a interação dos pesquisadores com a realidade concreta do povo soviético. Compreender essas transformações faz-se fundamental para que as vertentes críticas da teoria histórico-cultural repensem seu futuro como psicologia compromissada com a emancipação, realizando uma análise apropriada da psicologia soviética a partir dos anos 1930, em particular da obra de Leontiev e sua teoria da atividade, que vêm ganhando preocupante importância nas últimas décadas.

Not all that glitters is Marx: analysis of Stalinist critiques of Vigotski within the Soviet science

Abstract: In Brazil, there has been remarkable growth of the “activity theory”, whose foundation is associated especially to the Russian researcher Leontiev (1903-1979). This has been done in direct connection with the notion that Vigotski, Luria and Leontiev composed a *troika*, responsible for Cultural-Historical Theory as well as Activity Theory. The purpose of this article is to start a discussion on the truthfulness of this narrative from an analysis of the context in which it is arranged: (1) the content of the Stalinist criticism of Vigotski 1931-7, (2) the construction of the Stalinist Science by the Soviet regime, (3) the political and cultural contrasts between the 1920s and 1930s – especially regarding the establishment of Marxism-Leninism and pragmatism as main features of Stalinist regime. The text is intended to highlight the vigotskian ideas and lines of work condemned by the Stalinists critics and their potential impact in Soviet psychology developed in the 1930s.

Keywords: Leontiev, cultural-historical and activity theory, activity theory, stalinism, stalinist science.

Tout ce qui brille n'est pas Marx: analyse de la critique stalinienne à Vigotski dans la science soviétique

Résumé: Au Brésil, il y a une croissance remarquable de la «théorie de l'activité», dont la fondation est associée en particulier au chercheur russe A. N. Leontiev (1903-1979). Cela a été fait en liaison directe avec l'idée que Vigotski-Luria-Leontiev étaient le trio responsable pour le développement de la théorie historique-culturelle et de la théorie de l'activité. Cet article se propose à remettre en question la vérité même de ce récit – restreint à le champ de l'histoire des idées – à partir d'une analyse du contexte dans lequel a surgi la critique stalinienne à Vigotski entre 1931-1937, la construction du système de production scientifique du régime soviétique et les contrastes politiques et culturelles entre les années 1920 et 1930 – en particulier l'établissement du marxisme-léninisme et du pragmatisme comme marques du stalinisme. Le texte contribue à l'analyse des idées et des fronts de travail vigotskiennes condamnés par les critiques staliniennes et leur impact potentiel dans la psychologie soviétique développée dans les années 1930.

Mots-clés: Leontiev, théorie de l'activité, la psychologie historique et culturel, la science staliniste.

Ni todo lo que brilla es Marx: análisis de las críticas estalinistas a Vigotski en la ciencia soviética

Resumen: En Brasil, se produce un notable crecimiento de la “teoría de la actividad”, cuya fundación se asocia sobre todo al ruso A. N. Leontiev (1903-1979). Esto se lleva a cabo por la relación directa con la idea de que Vigotski, Luria y Leontiev compusieron una *troika*, responsable del desarrollo de la teoría histórico-cultural y de la actividad. Este artículo tiene la intención de empezar a cuestionar la verdad de esta narrativa –limitada al campo de la historia de las ideas–, a partir de un análisis del contexto en el que expuso el contenido de las críticas estalinistas a Vigotski del 1931 al 1937, la construcción del sistema de producción científica en el régimen soviético y los contrastes políticos y culturales entre los años 1920 y 1930 –en especial el establecimiento del marxismo-leninismo y el pragmatismo como marcas del estalinismo. Este texto debe de contribuir al análisis de las ideas y los frentes de trabajo vigotskianos condenados por los críticos estalinistas, y su potencial impacto en la psicología soviética desarrollada en la década de 1930.

Palabras clave: Leontiev, teoría de la actividad, la psicología histórico-cultural, el estalinismo, ciencia estalinista.

Referências

- Abel'skaia, R., & Neopikhonova, I. S. (2000). The problem of development in pedology as an eclectic conception with basically idealist roots. *Journal of Russian and East European Psychology*, 38(6), 31-44. (Trabalho original publicado em 1932)
- Bauer, R. (1952). *The new man in soviet psychology*. Boston: Harvard University Press.
- Deutscher, I. (1970). *Stálin: a história de uma tirania* (Vol. 2). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Duarte, N. (2003). A teoria da atividade como uma abordagem para a pesquisa em educação. *Perspectiva*, 21(2), 279-301.
- Feofanov, M. P. (2000). The theory of cultural development in pedology as an eclectic conception with basically idealist roots. *Journal of Russian and East European Psychology* 38(6), 12-29. (Trabalho original publicado em 1932)
- Fraser, J.; Yasnitsky, A. (no prelo). Deconstructing Vigotski's victimization narrative. *Psychology*, 50(4).
- Gerovitch, S. (2004). *From newspeak to cyberspeak: a history of Soviet cybernetics*. Cambridge: MIT Press.
- Golder, M. (2004). *Leontiev e a psicologia histórico-cultural: um homem em seu tempo*. São Paulo: Xamã.
- Homskaya, E. D., (2001). *Alexander Romanovich Luria: a scientific biography*. Springer Science & Business Media.
- Joravsky, D. (1955). Soviet views on the history of science. *Isis*, 46(1), 3-13.
- Joravsky, D. (1961). *Soviet Marxism and natural science: 1917-1932*. Abingdon: Routledge.
- Joravsky, D. (1989). *Russian psychology: a critical history*. Oxford: Blackwell UK.
- Koltsova, V. A. (1996). Ideological and scientific discourse in soviet psychological science. In V. A. Koltsova, Y. N. Oleinik, A. R. Gilgen, & C. K. Gilgen, *Post-Soviet perspectives on Russian psychology* (pp. 60-69). Westport: Greenwood Press.
- Kozyrev, A. V., & Turko, P. A. (2000). Professor L. S. Vigotski's "Pedological School". *Journal of Russian and East European Psychology*, 38(6), 59-74. (Trabalho original publicado em 1936)
- Krementsov, N. (1997). *Stalinist science*. Princeton: Princeton University Press.
- Lamdan, E. (2013). Who had illusions? Alexander R. Luria's Central Asian experiments on optical illusions. *PsyAnima: Dubna Psychological Journal*, 6(3), 66-76.
- Leontiev, A. A., Leontiev, D. A., & Sokolova, E. E. (2005). Rannie raboti A. N. Leontieva i evo put k psikhologii deiatelnosti. In D. A. Leontiev, *Stanovlenie psikhologuii deiatelnosti: Rannie raboti* (pp. 8-27). Moscou: Smisl i Smisl.
- Leontiev, A. N. (1946). A psicologia soviética depois da decisão do CC do PCUS (b) "Sobre as distorções pedológicas no Comissariado de Educação", em 4 de Julho de 1936. *Sovietskaia pedagogika*, 7, p. 21-31.
- Leontiev, A. N. (1961). The intellectual development of the child. In R. Winn (Ed.) *Soviet Psychology: a symposium*. New York: Philosophical Library. (Trabalho original publicado em 1950)
- Leontiev, A. N. (1991) Artículo de introducción sobre el labor creador de L. S. Vygotski. In L. S. Vygotski. *Obras escogidas* (Vol. 1, pp.419-450). Madrid: Visor Distribuciones.
- Leontiev, A. N. (2003). Materiais sobre a consciência [Materiali o soznanii]. *Stanovlenie psikhologuii deiatelnosti: Rannie raboti*. Moscou: Smisl i Smisl. (Trabalho original publicado em 1940-1941)
- Leontiev, A. N., & Luria, A. R. (1970). The formation of consciousness: a translation of Luria and Leontyev's criticism of Vigotski. In E. E. Berg, *L. S. Vigotski's theory of the social and historical origins of consciousness* (pp. 536-542, PhD Thesis). University of Wisconsin, Wisconsin. (Trabalho original publicado em 1956)
- Leontiev, A. N. (2005). Study of the environment in the pedological works of LS Vigotski: a critical study. *Journal of Russian & East European Psychology*, 43(4), 8-28. (Trabalho original publicado em 193?)
- Medvedev, A. (1996) Ethnic Psychology in Soviet Russia. In V. A. Koltsova, Y. N. Oleinik, A. R. Gilgen, & C. K. Gilgen, *Post-Soviet perspectives on Russian psychology* (pp. 285-296). Westport: Greenwood Press.
- Naves, M. B. (1994). Marxismo e capitalismo de Estado. *Revista Crítica Marxista*, 1, 71-74.
- Netto, J. P. (1982). Introdução. In: J. V. Stálin. *Stálin: política* (pp. 9-36). São Paulo: Ática.
- Razmyslov, P. (2000). On Vigotski's and Luria's "Cultural-Historical Theory of Psychology". *Journal of Russian and East European Psychology*, 38(6), 45-58. (Originalmente publicado em 1934)
- Reis Filho, D. A. (2007). *Uma revolução perdida: a história do socialismo soviético*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- Rudneva, E. I. (2000). Vigotski's pedological distortions. *Journal of Russian and East European Psychology*, 38(6), 75-94. (Trabalho original publicado em 1937)
- Rutherford, A. (2009). *Beyond the box: BF Skinner's technology of behaviour from laboratory to life, 1950s-1970s*. Toronto: University of Toronto Press.
- Shuare, M. (1990). *La psicología soviética tal como yo la veo*. Moscou: Editorial Progresso.
- Talankin, A. A. (2000). On the Vigotski and Luria Group. *Journal of Russian and East European Psychology*, 38(6), 10-11. (Trabalho original publicado em 1931)
- Valsiner, J. (1993). Cultural-Psychological Research in the 1920s: Studying "National Minorities. *Journal of Russian and East European Psychology*, 31(1), 5-10.
- Veer, R. van der (2000). Editor's introduction: criticizing Vigotski. *Journal of Russian and East European Psychology*, 38(6), 3-9.

- Veer, R. van der, & Valsiner, J. (2001) *Vigotski: uma síntese*. São Paulo: Loyola/Unimarco.
- Vigotski, L. S. (1991). El significado histórico de la crisis de la psicología. Una investigación metodológica. In *Obras escogidas* (Vol. 1, pp. 259-407). Madrid: Visor. (Trabalho original publicado em 1927)
- Vigotski, L.S. (2010). Quarta aula: a questão do meio na pedologia. *Psicologia USP*, 21(4), 681-701. (Trabalho original publicado em 1935)
- Walsh, R. T. G., Teo, T., & Baydala, A. (2014). *A critical history and philosophy of psychology: diversity of context, thought, and practice*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Wortis, J. (1953). *La psiquiatria soviética*. Buenos Aires: Ateneo.
- Yasnitsky, A., & Ferrari, M. (2008a). From Vigotski to Vigotskian psychology: introduction to the history of the Kharkov school. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 44(2), 119-145.
- Yasnitsky, A., & Ferrari, M. (2008b). Rethinking the early history of post-Vigotskian psychology: the case of the Kharkov school. *History of psychology*, 11(2), 101.
- Yasnitsky, A. (2009) *Vigotski Circle during the decade of 1931-1941: Toward an integrative science of mind, brain, and education* (PhD thesis). University of Toronto, Toronto.
- Yasnitsky, A. (no prelo). Vigotski, Lev. In D. C. Phillips (Ed.), *Encyclopedia of educational theory and philosophy*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Yasnitsky A. (2013). Kurt Koffka: “os uzbeques têm ilusões!” Controvérsia por correspondência entre Luria e Koffka. *PsyAnima: Dubna Psychological Journal*, 3, 1-25.
- Zalkind, A. B. (1993). Psychoneurological study of national minorities. *Journal of Russian and East European Psychology*, 31(1), 11-12.

Recebido: 30/12/2014

Revisado: 11/04/2015

Aprovado: 07/05/2015